

ERIC FRATTINI

OURO
DO
INFERNO

Tradução de Carlos Romão

 Porto
Editora

Saint Paul, Minnesota, 1958

A neve já tinha começado a invadir a cidade. Todas as ruas estavam preparadas para comemorar o Dia de Ação de Graças e enfeitadas para o desfile. Várias crianças vendiam bilhetes para um sorteio com o fim de angariar fundos para comprar perus para os orfanatos da cidade. Kermit Marzec gostava da sua vida americana. Gostava do trabalho, da família e da vida nos Estados Unidos.

Havia pouco menos de uma década que emigrara da Europa destruída, fugindo de um pós-guerra de fome e miséria, sem um centavo no bolso. Nos Estados Unidos ganhara fama de empresário tenaz e hábil e, sobretudo, de amigo dos seus amigos. Marzec fazia inclusivamente parte da distinta Câmara de Comércio de Saint Paul. A sua empresa de sucata, a Marzec's Enterprises Scrap Metal, cuja sede se situava nas margens do Mississípi, convertera-se num dos patrocinadores oficiais da equipa de futebol da cidade. Tudo era perfeito na sua vida. Conheceu a mulher, Margret, assim que pisou solo norte-americano e tinham dois filhos: John, de nove anos, e Michael, de oito.

Ker, como era conhecido pelos amigos, ia todas as manhãs ao Tony's, um café onde se costumavam juntar os veteranos que haviam combatido nos campos de batalha da Europa. Marzec gostava de ouvir na companhia dos filhos as histórias daqueles homens, alguns deles

mutilados, sobre como tinham salvado a Europa da Alemanha nazi. Sentia-se até orgulhoso de viver no mesmo país que eles.

– Olá, Ker. Olá rapazes – cumprimentou o dono do estabelecimento.

– O que querem que vos traga?

– Ovos, feijão e bacon bem passado, torradas de pão branco, café para mim e chocolate para os miúdos – respondeu Marzec.

Enquanto tomava o pequeno-almoço leu o jornal, que trazia na primeira página os graves incidentes ocorridos em Little Rock, no Estado de Arkansas, entre brancos e manifestantes negros que pediam a aplicação da lei contra a discriminação nas escolas. Nas fotografias viam-se vários racistas brancos cuspiendo para os paraquedistas enviados pelo presidente Eisenhower para fazer cumprir a lei.

– Não sei onde este país vai parar. Cidadãos norte-americanos cuspiendo em soldados norte-americanos – disse Marzec.

– É curioso – interveio o empregado de mesa do local –, há uns anos recebíamos-os como heróis por terem acabado com aquele carniceiro do Hitler e hoje cuspimos-lhes no Arkansas.

– Vamos, rapazes, têm de ir para a escola – interrompeu Marzec enquanto atirava para cima da mesa duas notas de dólar.

Subiram os três para o Ford Fairlane e circularam pela Grand Avenue até St. Albans Street. Ao chegar à escola, Marzec desceu para abrir a porta para os seus dois filhos descerem do veículo. Depois de dar um beijo na cabeça de cada um, voltou a entrar no Ford e seguiu de novo pela Grand Avenue, para se dirigir para leste pela estatal 35. No rádio ouvia-se a voz de Bill Haley & His Comets interpretando o seu último êxito: *Don't Knock the Rock*. Ao chegar à Shepard Road virou à direita e atravessou a ponte sobre o Mississípi para entrar na zona industrial da cidade. Assim que passou a ponte virou de novo à direita na Filmore Street até a um grande conjunto de armazéns que se erguiam num descampado. O edifício era coroado por um enorme letreiro da Marzec's Enterprises Scrap Metal.

Ainda era cedo. Lucy, a sua secretária, nem sequer tinha chegado. Kermit Marzec desceu do carro para abrir a grande porta metálica e entrou com o Ford no parque de estacionamento, onde vários camiões tinham deixado uma carga de sucata.

Com um termo de café quente numa mão e um saco de donuts entre os dentes, procurou as chaves da porta principal no bolso das

calças. Nesse momento sentiu que uma sombra se colocava atrás de si. O misterioso visitante a quem Marzec não conseguiu ver a cara, colocou um fino arame à volta do pescoço do sucateiro com um rápido movimento e estrangulou-o em questão de segundos. O café quente, ao cair sobre o tapete barato, misturou-se com a urina de Marzec, que relaxara a bexiga enquanto tentava desesperadamente levar um pouco de ar aos pulmões.

O desconhecido, de compleição forte, levantou o cadáver de Marzec como se fosse um boneco e meteu-o na mala do Ford. Em seguida subiu para o veículo e colocou-o diante do compactador de sucata. Em questão de segundos o Ford Fairlane ficou convertido num cubo metálico sem forma, do qual saíam pequenos fios de sangue por um dos lados. O assassino desapareceu do local pouco depois, tal como tinha chegado.

Finsbury Park. Londres

O doutor Daniel Bergman era o paradigma do perfeito pediatra de bairro. Vivia numa casa húmida de dois pisos em Seven Sister Road, no subúrbio londrino de Finsbury Park. Instalara-se aí no final da guerra e tinha montado um dos melhores consultórios pediátricos da cidade. Nele atendia preferencialmente crianças de famílias sem recursos. Estava sempre aberto aos mais necessitados, e o próprio Dr. Bergman estava sempre disposto a ir a casa de algum dos seus pequenos pacientes sem se importar com a hora ou com a intempérie. Inclusivamente, muitas famílias endinheiradas levavam os filhos ao consultório para serem tratados por esse bom médico. Bergman mostrava grande sensibilidade para tranquilizar as crianças, e tanto os atendia por terem algum osso partido como por sofrerem de alguma doença, como sarampo ou escarlatina. As crianças gostavam daquele médico simpático que os consolava com um doce e uma pergunta: «Gostas mais do teu pai ou da tua mãe?».

O Dr. Bergman cuidava muito do seu aspeto. As mãos eram magras, os dedos compridos, e tinha sempre as unhas impecavelmente cortadas. Usava invariavelmente fatos de lã, tanto no inverno como no verão.

Como todas as manhãs, Helen, a sua enfermeira, encarregou-se de abrir o consultório e de ordenar as fichas dos doentes. Às cinco da tarde, o Dr. Bergman atendia o último paciente.

– Doutor, quer que feche a porta à chave por fora? – perguntou a enfermeira antes de se ir embora.

– Sim, Helen, obrigado. Não vou sair e amanhã começamos cedo. Disse à senhora Cadweld que vou jantar depois de acabar estas fichas.

– Então, boa noite, doutor.

– Boa noite, Helen.

A governanta estava há um mês ao serviço do Dr. Bergman. Aplicada, reta e com um espírito quase germânico, fora precisamente o seu carácter que chamara a atenção do médico para a contratar.

– Onde quer jantar, Dr. Bergman? – perguntou a governanta.

– Jantarei no meu gabinete do primeiro andar – respondeu o médico.

– Fiz caldo de frango e estufado de carne. Levo-lhe a bandeja daqui a pouco – disse a mulher.

– Certo. Entretanto, acabarei estas fichas dos doentes antes de subir.

A mulher fechou a porta ao sair, deixando o médico na solidão do consultório. Passada meia hora ouviu-se uma pequena pancada na porta. Era novamente a senhora Cadweld.

– Deixei a bandeja no seu quarto, mas se se atrasar, o jantar vai arrefecer.

– Obrigado, senhora Cadweld, mas não me repreenda como a uma criança. Já subo.

Bergman levantou-se e dirigiu-se ao andar de cima. A senhora Cadweld esperava-o no gabinete, com o guardanapo na mão para o pôr ao doutor.

Bergman aproximou-se do prato, fechou os olhos e cheirou o estufado de carne com verduras.

– Que bem que cheira – disse, antes de se sentar.

Passados uns minutos, a senhora Cadweld ouviu um ruído vindo do gabinete. Ao entrar, viu o médico no chão coberto pelo seu próprio vomitado e tentando respirar. À medida que a vida se lhe ia escapando dos pulmões, Daniel Bergman percebeu que a senhora Cadweld o olhava

do sofá, onde se sentara para observar tranquilamente a cena. Uma vez confirmado que o pediatra estava morto, a governanta lavou os pratos para fazer desaparecer qualquer vestígio de hexobarbital, enfiou um pequeno gorro e uma capa e saiu da clínica, desaparecendo na noite.

Oulu, Finlândia

Os fortes nevões tinham deixado a região sem distribuição de correio e Seppo Törni, o carteiro, tinha bastante trabalho atrasado. Apesar da dureza e das inclemências do tempo, Seppo gostava de acabar cedo o trabalho para se dedicar às suas duas maiores afeições: a caça e o esqui de fundo. Desde que chegara como refugiado à Finlândia, depois da Segunda Guerra Mundial, andara aos tombos de um lado para o outro. Primeiro, trabalhara como embalador numa fábrica de papel em Tyrnävä; depois tinha sido soldador num estaleiro de Turku. Finalmente acabara por se instalar na longínqua Oulu, onde encontrou uma cabana afastada do mundo e um confortável posto nos serviços de correios finlandeses. Ali, ninguém lhe fazia perguntas.

– Bom-dia, Seppo – cumprimentou o senhor Haukanen. – Há que tempos que não nos traz o correio.

– Foi por causa da neve, senhor Haukanen, mas o correio já está restabelecido e creio que não vai haver qualquer problema até ao próximo nevão – disse Törni.

Uma vez entregue todo o correio, quase ao meio-dia, Seppo Törni regressou na pequena motocicleta à sua cabana, situada num desvio da estrada de Muhos. Quando entrou, qualquer coisa se lançou de repente sobre ele. Sem conseguir reagir, o cão, de raça *husky*, começou a lambê-lo a cara e a correr à sua volta.

– Deixa-me, Keisari, deixa-me já – disse Törni enquanto empurrava o pesado corpo do cão. – Ainda temos luz para caçar um bocado.

Seppo Törni pôs a espingarda às costas e calçou os esquis para se internar pelo bosque que rodeava a cabana, acompanhado pelo Keisari. De repente, a uns quinhentos metros, viu uma raposa do Ártico à procura de raízes para comer depois do nevão. Sem fazer o menor ruído,

encostou a cara à coronha da espingarda e fixou a mira no pescoço do animal. Susteve a respiração enquanto o dedo pressionava lentamente o gatilho. Antes de o projétil poder sair pelo cano, um ruído seco rompeu o silêncio do bosque. Uma bala tinha atingido o crânio do carteiro. O corpo de Seppo Törni ficou estendido com o crânio destroçado, no meio do nada, à medida que o sangue tingia a neve à sua volta. A uns setecentos metros do cadáver, um experiente atirador solitário guardou cuidadosamente a arma no coldre e desapareceu na imensidão daquelas paragens.